

UM ESTUDO SOBRE ATEÍSMO NO ANARQUISMO: ANÁLISE DA PEÇA TEATRAL “O SEMEADOR”, DE AVELINO FÓSCOLO

A study on atheism in anarchism: analysis of “O Semeador”, a play written by Avelino Fóscolo

Ricardo Cortez Lopes¹

Lis Yana de Lima Martinez²

RESUMO

Esta pesquisa problematiza um ateísmo anarquista por meio da literatura, mais precisamente a peça *O semeador*, de Avelino Fóscolo. Essa reflexão pontual está inserida dentro dos estudos mais amplos sobre o movimento social ateu, sendo esta manifestação considerada como da vertente revolucionária. A obra foi analisada com base em quatro temas: Deus (como a divindade católica é retratada?), Vigário (como ele é apresentado na peça?), Religião (como princípios religiosos são retratados?) e Fiel (Como é retratado um religioso?). Os resultados apontaram para um enredo pautado no ateísmo de aposta: deus aparece como um engano que serve exclusivamente para manter a desigualdade, e isso fica demonstrado *a posteriori* se a revolução ocorre.

Palavras-chave: ateísmo anarquista; Avelino Fóscolo; O semeador; teatro.

ABSTRACT

This research problematizes an anarchist atheism through the play *O semeador*, written by Avelino Fóscolo. This specific reflection is part of the broader studies on the atheist social movement, and this manifestation is considered to be a revolutionary aspect. The play was analysed according to four themes: God (how is the Catholic deity portrayed?), Vicar (how is he presented in the play?), Religion (how are religious principles portrayed?) And Faithful (How is a religious portrayed?). The results pointed to a plot based on the betting atheism: god appears as a mistake that serves exclusively to maintain inequality, and this is demonstrated *a posteriori* if the revolution occurs.

Keywords: anarchist atheism; Avelino Fóscolo; O semeador; play.

¹ Doutor e Mestre em Sociologia (linha sociedade e conhecimento) no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Suas pesquisas se focam nas ressignificações dos conceitos da modernidade primeira em representações sociais. Em 2019 lançou os livros "Personagens: entre o literário, o sociológico e o social" (em co-autoria) e "Construindo Contextos", no qual delinea a sua teoria dos contextos representativos. E-mail: rshicardo@hotmail.com

² Doutoranda e Mestre em Estudos de Literatura (linha de pesquisa Teoria, Crítica e Comparatismo) do Programa de Pós-graduação em Letras Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Especialista em Literatura Contemporânea pelo Centro Universitário UniDomBosco. Sua pesquisa se concentra em estudos sobre Intermedialidade, mas também possui publicações nas áreas de literatura fantástica, mitológica e epistolar. Atualmente é Bolsista CNPQ. Em 2019, lançou seu livro *Personagens: entre o literário, o midiático e o social* publicado pela editora Viseu juntamente com o sociólogo Ricardo Cortez Lopes. E-mail: yana.flafy@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende investigar uma parte do material de divulgação do movimento social ateu por meio da obra de Avelino Fóscolo, que potencialmente empregou o teatro pedagógico anarquista como maneira de divulgar o ateísmo em território nacional. Essa análise, no entanto, não está isolada, mas é a continuidade de uma série de estudos que se defrontam uma apreciação do movimento social ateu no Brasil a partir de amostras do comportamento social e tecnológico (Cf. LOPES, 2014,2015 e 2013) e literário (Cf. LOPES; MARTINEZ, 2019).

O movimento social ateu não é uniforme; a causa atea foi sendo formulada no interior de diferentes grupos, muitas vezes sendo retirada do *mainstream* reivindicatório, em outras vezes assumindo a dianteira. Essa característica, no entanto, o fez sempre circular pelos diferentes grupos, de acordo com as definições jurídicas do que é religião pelo estado brasileiro:

Em um primeiro momento, postulamos que o que se desenvolveu em território nacional foi a uma Etapa Incipiente (1947-1844) do pensamento ateu: nesta etapa, os ateus manifestavam-se esparsamente, indidualmente e sem um fim público definido. Provavelmente o máximo da expressão pública foi através de personagens de romances literários (usando figuras de linguagem para se comunicar com pessoas com o mesmo capital simbólico) [...] A genealogia em um segundo momento, com o que denominamos Etapa Revolucionária (1844-1930): nesta etapa, erigem-se as metanarrativas (na expressão de Lyotard) que buscam erradicar o conceito de Deus, seja por sua eliminação, seja por sua substituição (LOPES, 2015, p.1418)

Assim como o ateísmo de tipo marxista – já analisado em Lopes & Martinez (2019), dentro de uma amostra literária –, o ateísmo anarquista é, cronologicamente, tanto de etapa revolucionária quanto de positivista. Todavia, nesse caso, o marxista estava lidando com um momento de censura, o que o fez se localizar na etapa incipiente, em que se expressava de maneira oculta, por meio de metáforas. Vemos que o mesmo não ocorre a Avelino Fóscolo que, em 1921, lançou a peça *O Semeador*, cujo enredo tenderia a divulgar ideias anarquistas:

O semeador é uma obra dramática em três atos que estabelece uma crítica à propriedade. A história se passa em uma fazenda onde há uma tentativa de diluir a propriedade, sobre o ideal de cada um obter apenas o necessário para si. Júlio, o personagem principal, entra em contato com o pensamento anarquista após uma viagem à Europa. Ao regressar, tenta modificar os hábitos instituídos na fazenda de seu pai, começando por não se reconhecer como superior diante dos trabalhadores, mesmo sendo o herdeiro das terras. Tratava todos por igual, inclusive os ex-escravos. Propôs o fim do salário, visto como uma nova forma de escravidão, podendo todos usufruir do fruto do trabalho comum, e reduziu as horas de trabalho para que os trabalhadores pudessem gozar mais de seu tempo livre. Para isso, implantou o uso de

máquinas na produção, lançando mão do uso das novas técnicas e saberes desenvolvidos para o benefício de todos. (RAMUS, 2009, p.287)

Ao longo da análise, iremos detalhar o enredo de modo a complementar essa sinopse. A presente pesquisa provém de embasamentos alocados em toda uma ciência do ateísmo que tem se construído no Brasil nos últimos anos, compreendendo a necessidade de explorá-la em diversos ambientes de expressão social e cultural (Cf. DASILVA, 2018, 2020). Aqui, esses embasamentos são aplicados ao nosso olhar junto ao campo literário, extraindo da peça elementos textuais que fundamentam sua identidade anarquista (Cf. DUARTE, 1991).

CONTEXTUALIZANDO: O ANARQUISMO, O ANARQUISMO NO BRASIL E ÁVELINO FÓSCOLO

Nesta seção, vamos apresentar um jogo de escalas, partindo desde o anarquismo enquanto sistema moral, passando pelo anarquismo no Brasil e chegando ao próprio Avelino Fóscolo. Esse percurso permitirá a conexão da temática com o referencial teórico, o que resultará na análise dos dados com conclusões mais amplas.

Anarquismo, etimologicamente, significa a ausência do poder, no caso o poder estatal, que não possui um futuro possível (ELTZBACHER, 2004, p.292) – assim como o ateísmo, como veremos adiante, tem como ponto de partida a negação de Deus. Há em comum nesses dois pensamentos a variedade interna:

Um aspecto fundamental do movimento libertário é a recusa incondicional de qualquer tipo de organização política e social baseada na coação, ao lado do desejo e da luta por uma sociedade em que a ordem, a liberdade e a igualdade coincidam. Para atingir tais objetivos, os anarquistas, pelo menos nas correntes majoritárias, baseadas no mutualismo, no cooperativismo e no anarco-comunismo, enfatizam sempre a junção entre os fins e os meios na política, sublinhando que não se pode chegar a fins libertários por vias autoritárias [...] Para os anarquistas, a educação, a cultura e, portanto, a apropriação do conhecimento pelas classes trabalhadoras sempre foram questões essenciais. Concebem a transformação social pela criação de formas igualitárias, anti-hierárquicas e desburocratizadas de organização, em sintonia com a mudança de sensibilidades, atitudes, valores e não como tomada do poder do Estado pelos partidos políticos e a constituição de uma nova classe dirigente (SILVA, 2011, p.88)

Ou seja, o anarquismo recusa a coação e busca a cooperação voluntária. A partir dessa concordância, a harmonia social se estabelecerá por meio do diálogo e seria possível criar um sentido comum. Desse ponto primeiro, partem, no mínimo, três tipos de anarquismo: o individualista, o coletivista e o socialista (Cf. LUIZETTO, 1987). A ideia é uma ruptura sem a intermediação de um “partido único” (PASSETTI, 2002, p.147). Por meio da ruptura com a

alienação – e também a religião –, crê-se ser possível ir adiante em uma vida comunal. Cronologicamente, Avelino poderia pertencer a apenas dois deles: ou ao coletivista ou ao socialista. No entanto, não vamos classificá-lo dentro dessas tipologias por não estarmos apreciando a maioria das obras.

É mister, antes de tudo, observar como o anarquismo chegou ao Brasil. Seu berço foi a Europa:

[...] principalmente [...] de países como Espanha, Itália e Portugal, de onde veio grande parte dos imigrantes responsáveis, no Brasil, em outros países da América Latina e nos Estados Unidos, pela expansão do anarcosindicalismo e pela criação, no Novo Mundo, das expressões artístico-culturais e pedagógicas inerentes ao movimento anárquico desde suas origens (SILVA, 2011, p.88)

Isto é, além das obras intelectuais, há todo um aporte dos imigrantes que chegaram ao país, além das expressões artísticas – como o próprio teatro de Fóscolo ilustra. De acordo com Pablo Martins, o Brasil foi particularmente fértil para essas ideias:

Boris Fausto identifica que as condições sociais e políticas da República Oligárquica confirmavam em grande parte a crítica dos grupos anarquistas à sociedade burguesa [...]. Desta forma, o anarco-sindicalismo aparece como estratégia de luta, tendo como principal ferramenta de resistência o sindicato: greves, revoltas e sabotagens fazem parte desta vertente, que atinge um ponto vital do capital, a produção (MARTINS, 2018, p.152).

Possivelmente, há toda uma emergência envolvida na ação anarquista, junto com a ideia de que, como houve o transplante do estado moderno, este seria mais embasado no mando pessoal do que em ideias políticas já consolidadas. Outrossim, no Brasil o anarquismo adquire uma face própria devido à própria cultura política do país.

Como pessoa, Fóscolo é metonímia da assimilação do anarquismo no Brasil, pois

[...] se mostra um autor com certos diferenciais nesse movimento de contracultura dentre eles ser brasileiro de Sabará, [...] longe dos perímetros urbanos. Trabalhava como farmacêutico, e fez de seu negócio um local de propagação das ideias anarquistas, inclusive até editou um jornal A Nova Era, baseado em Mikhail Bakunin e Pedro Kropotkin longe de ser diplomado também não era um inculto e muita coisa era apreendida por si mesmo [...] em se tratando que o anarquismo na época era um movimento de muito estudo, leituras e intercâmbios de informação vide o sucesso dos periódicos [...] Fóscolo teve que trabalhar no campo o que o fez vivenciar as questões do trabalhador rural em sua própria carne [...] A relação com o teatro fomentada nos tempos de ator itinerante se solidificou como militância na mesma farmácia formando ali o Club Dramático e Literário, onde eram encenadas as peças, tornando aquele local importantíssimo no movimento anarquista em Minas Gerais (PEREIRA, 2018, p. 4)

Ademais, Fóscolo chegou a construir um teatro e a fundar um jornal e uma biblioteca (Cf. DUARTE, 1988 & 2018). Junto a essas atividades, que já seriam suficientes para colocá-lo como uma grande influência cultural, o autor teceu uma ampla obra literária, entre romance e teatro, caracterizada pelo enfoque em uma perspectiva social:

Dentro dessa nova metodologia do teatro político os objetivos são ressignificar o que o trabalhador brasileiro toma como verdade absoluta por estar na cegueira da alienação política e aí entra a questão da manifestação cultural (no caso a arte dramática) como a melhor arma pedagógica principalmente por seu grande alcance (PEREIRA, 2018, p.3)

Dessa forma, o escritor almeja romper a alienação política pela crítica. Essa postura está em diálogo com a escola literária naturalista, que buscava ilustrar as relações sociais em suas dinâmicas internas.

O naturalismo tem por pretexto representar fielmente a realidade. Apresenta-se como uma escola literária simbólica de um período de transições no Brasil:

No campo científico, desenvolvem-se as ciências da natureza, muito mais do que as ciências da sociedade. Toma vulto a sociologia; o naturalismo é um pouco a sociologia na literatura. Como surgirá uma ciência especial para o estudo da sociedade? Pela necessidade, quando todas as condições impunham a ampliação da economia para desvendar as relações sociais, de uma outra ciência, que afastasse a economia e que aparentemente a superasse, como específica, para a interpretação e a definição das grandes lutas sociais que então se travaram. [...] O naturalismo pretende ser o laboratório, em literatura. E chegará a pretender-se experimental, quando não ultrapassa o empirismo dos arrolamentos. (SODRÉ, 1965, p. 25)

Todavia, é importante ressaltar que não há na peça a mesma estética de determinismo animalesco como a que encontramos em *O cortiço*, de Aluysio de Azevedo. No caso de *O semeador*, é o anarquismo que dá bases à construção estética, seguindo o movimento como um todo:

[...] em seu projeto de transformação social e luta contra a “tríade maldita” – O Estado, o Capital e a Igreja –, o anticlericalismo aparece com destaque nas ações anarquistas. O anticlericalismo anarquista era militante e abertamente ateu. Os anarquistas brasileiros repudiavam a religião através de um discurso violento e fundaram jornais antirreligiosos, ligas anticlericais e escolas racionalistas para combater a presença da Igreja no campo da educação e da formação de crianças e jovens, influência vista como nefasta e contra a razão. O discurso anticlerical anarquista pretendia libertar o operariado de toda a escravidão moral e social e para tal era necessário combater a Igreja, o Capital e o Estado através da revolução social (MARTINS, 2018, p.152)

O naturalismo literário “libertário” por vezes se posiciona de modo a contrapor a tríade Igreja-Capital-Estado. Infelizmente, não conseguimos encontrar informações de como Fóscolo tomou contato com os conhecimentos anarquistas, o que pode vir a creditar a ideia de uma transmissão familiar, segundo uma compreensão sociológica. Assim, resta, por enquanto, associar Fóscolo com o ateísmo e o faremos a seguir.

REFERENCIAL TEÓRICO: ATEÍSMO, ANARQUISMO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Nesta seção, vamos fazer a ligação teórica sociológica entre anarquismo e ateísmo. Essa ligação não é automática: o ateísmo é uma das bandeiras do anarquismo, porém não é nem de longe sinônimo dele. Isso porque o anticlericalismo não implica uma ausência de crença religiosa: é possível se tratar apenas uma reconfiguração da fé abdicando da instituição religiosa. Nesse caso, é preciso confirmar essa variedade religiosa por parte de Fóscolo. Se essa conexão ficar fortemente estabelecida, será possível apontar o ateísmo circulando dentro do anarquismo e como ele acaba sendo expresso na obra estudada.

Para problematizar essa pertença, são necessárias algumas evidências. A primeira evidência da possibilidade de ateísmo é circunstancial, porém possui sua relevância: a ascendência de seu bisavô (Cf. DUARTE, 2018) Ugo Fóscolo, escritor italiano conhecidamente ateu (Cf. WILKINS, 1950). Em situações normais, seria possível argumentar que o ateísmo não é uma condição genética e que não pode ser transferido por zigoto, porém não foi possível encontrar informações sobre a infância e a adolescência do autor, excetuando-se esse trecho: “Decepcionado com o regime republicano e influenciado por pensadores como Eliseé Reclus, Jean Grave e Piort Kropotkin, aderiu ao anarquismo. Fóscolo era órfão e trabalhou junto com escravos nas minas de Morro Velho” (RAMUS, 2009, p.286). Em tais informações, não constam em que etapas da vida do autor esses dois fatos ocorrem ou se eles são subsequentes. Assim, informações sobre a família ganham especial relevância senão como definidoras, mas como elementos significativos.

Outra evidência parte de certos depoimentos de terceiros que conviveram com o autor: “[...] as pessoas o chamavam de ateu e o achavam esquisito, mas em caso de enfermidades, prisões ou abusos policiais o convocavam para prestar auxílio, e ele o fazia com grande empenho, sem exigir nada em troca” (AQUINO, 2011, p.114). Nesse sentido, seus conterrâneos o atribuíam a pecha de ateu, porém aparentemente não o hostilizavam e aceitavam seu “capital

social”, em termos bourdiesianos. Essa evidência é relativamente mais forte do que a anterior se for contrastada com uma sociologia do estado brasileiro que leve em conta a influência cultural da religião na conformação do estado brasileiro (Cf. MARIANO, 2003). O laço social era forte mesmo com a atribuição da pertença religiosa, o que pode indicar que ela não era falaciosa ou que não havia uma estigmatização dela.

Uma última evidência seria a própria história do movimento anarquista, que passou por um momento de maior radicalização:

Os anarquistas são tradicionalmente anticlericais e ateus. Os primeiros anarquistas opunham-se tanto à Igreja como ao Estado e a maioria deles opunha-se à própria religião. A fórmula «Nem Deus nem Amo» foi amiúde utilizada para resumir a mensagem anarquista. Muitas pessoas dão ainda os primeiros passos para o anarquismo perdendo a fé e tornando-se racionalistas ou humanistas; a recusa da autoridade divina encoraja a recusa da autoridade humana. A maioria dos anarquistas hoje é provavelmente atea, ou pelo menos agnóstica. Mas houve anarquistas religiosos [...] O ódio generalizado dos anarquistas pela religião declina à medida que declina o poder da Igreja e muitos anarquistas pensam agora que se trata duma questão pessoal (WALTER, 1981, p.17)

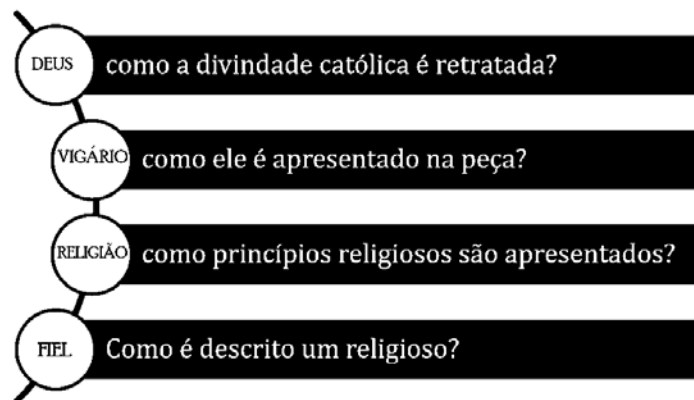
Nesse caso, Avelino está situado cronologicamente dentro dos anarquistas tradicionais, cujo anticlericalismo resulta no ateísmo, o que aumenta suas chances de ser ateu de fato. Segundo essa perspectiva, o anarquista tornou-se racionalista ou humanista – pois a autoridade divina, em verdade, espelha a autoridade humana. É possível, portanto, superar a alienação questionando essas duas qualidades de autoridade, que agem em bloco para suprimir o indivíduo em sua liberdade.

A maneira de analisar o *corpus* textual será por meio da teoria das representações sociais. Esta teoria estuda as representações construídas socialmente que servem para atribuir significações a fenômenos e atribuir sentido para a realidade (Cf. MOSCOVICI, 1961). Do compartilhamento das representações sociais, geram-se grupos de pertencimento (Cf. JOVCHELOVITCH, 2008), cujos subgrupos se arquitetam internamente em volta do ideal primário (Cf. LOPES, 2019). Adicionalmente, uma representação pode ser estudada quanto aos seus elementos internos: o seu núcleo central e estável e os seus elementos periféricos mais modificáveis (Cf. SÁ, 1996). O percurso metodológico que vamos chegar a essas representações sociais é aquele proposto pela análise de conteúdo, um conjunto de técnicas destinadas a encontrar o sentido subjacente em determinado texto, de modo que o material é analisado por meio de categorias, unidades de significação que aglutinam o corpus textual (Cf. BARDIN, 1977). Os resultados dessa grelha categorial permitem observar as estruturas das

representações sociais. Estamos lidando com representações sociais de um subgrupo ateu dentro do grupo anarquista, expressando representações sociais por meio da obra ficcional, abordada por análise de conteúdo. Assim, uma vez estabelecido o ateísmo por meio três evidências e explicitada a heurística da pesquisa, é possível avançar para a análise do material empírico, procedido na próxima seção.

ANÁLISE

Partindo da definição de ateísmo – como a negação da causalidade de Deus pela inexistência da metafísica – foi possível elaborar algumas categorias de análise para o *corpus*, apresentado com a ortografia mais próxima da sua época, o que pode resultar em estranhamento para o leitor atual. Na imagem abaixo, apresentamos as categorias temáticas e suas descrições:



A partir destas categorias, vamos articular o texto e apresentar os dados, produzindo a resposta ao problema inicial da pesquisa e mostrando, por fim, o núcleo duro e a periferia da representação social de ateísmo que deriva desse material. Ressaltamos que analisar representações de negações (como ateísmo, agnosticismo, anacrônico) implica *também* buscar a definição daquilo que é negado, de modo que as categorias eleitas se prestam a esse fim de definição positiva.

A categoria Deus aparece pelos menos de duas maneiras. A primeira delas é como interjeição, o que tira de absoluto o ímpeto causal da divindade e o coloca como expressão cultural de significado interior à própria cultura. O segundo uso é por parte dos personagens da velha ordem: nesse caso Deus representa, de fato, uma causalidade, que gera e sustém a desigualdade de maneira transcendental.

O primeiro trecho analisado é com Laura, paixão atual e de infância de Julio que lecionava na fazenda do Coronel:

LAURA - Que interesse pode a filha de um simples administrador despertar em quem a fortuna bafejou desde o berço e que possui dotes collocando-o em outra esfera?

JULIO - O que inspira a belleza, a grandeza d'alma aos que na vida não se obumbram³ á refulgencia do ouro.

LAURA - Si seu pai o ouvisse...

JULIO - Tenho um roteiro traçado e segui-o-ei embora me esphacelem os membros as urzes⁴ da estrada. Houve outr'ora, em antiguidade remota, um genio que se rebelou contra a ordem estabelecida, porque a julgava incompativel com a felicidade humana... perturbou a engrenagem das injustiças daquela machina infernal - o auctoritarismo judaico e pagou com a força a sua audacia de reformador. Quantos como elle tombaram no campo da lucta, quantos perecerão ainda até atingirmos o ideal sonhado - o amor como universal cadeia entre os homens?!

LAURA - Ha em suas palavras algo de mysterioso e novo que não comprehendo.

JULIO - Comprehendel-o-ás mais tarde: quero-te consocia no meu anhelos de regeneração social.

LAURA - Eu?! Está brincando, certamente.

JULIO - Sei com que desvelo te devotas aos pequenos e quanto balsamo de consolação tens para as chagas da injustiça. Depois... és a companheira dos meus descuidosos dias da infancia, a imagem que me seguiu sempre nesse voluntario desterro, longe do berço natal.

LAURA - Ah! não zombe de mim!

JULIO - Zombar, eu? Vi mulheres formosas em pose estudada, ostentando uma caridade ficticia e uma belleza mais falsa ainda. Numas a religião doirava os vícios; noutras a habilidade da modista corrigia as imperfeições naturais e em todas o cold cream e o carmin eram os factores do encanto; nas denominadas grandes damas só deparei banalidade, fingimento e coquettismo; jamais a candidez immacula de teu rosto se reflectio num daquelles semblantes. E nas horas solitarias de Celebes eu via numa recordação, e era saudade tambem, a imagem querida deixada aquem dos mares no meu remoto sertão. (FÓSCOLO, 2009, p. 14)

Alguns pontos podem ser destacados neste segmento textual. O primeiro é que a fortuna é um ideal religioso que conduz a uma ideia de que o destino pode favorecer intencionalmente um indivíduo, e Laura ainda o nutre a essa altura da peça, mas abandonará posteriormente. Outro ponto de destaque é que Jesus Cristo aparece, porém é relatado por Júlio como um revolucionário: esse é o seu valor moral supremo, e não sua transcendência religiosa demonstrada nos milagres. Por fim, a religião é retratada como uma capa de invisibilidade para vícios de indivíduos, quando são descritas as mulheres formosas e viciosas.

Deus aparece de novo em outro trecho, quando o latifundiário Lima, genro do Coronel por desposar sua filha, afirma sobre a montagem de um negócio: “Qual o que, seu compadre! 500 mil réis bastam. O rapaz abre uma bitacula⁵ e o cobre dos trouxas começa a pingar lá dentro

³ Disfarçar ou esconder.

⁴ Tipo de arbusto roseado.

⁵ Caixa de metal onde cabe a bússola.

que é um louvor a Deus de gatinhas” (FÓSCOLO, 2009, p.28). Nesse ponto se trata de uma associação entre lucrar e louvar a Deus, pois o dinheiro serviria como mote de agradecimento para se louvar Deus de joelhos, o que em verdade representaria uma atribuição positiva ao lucro desmedido. Ainda, há outra representação que acontece pela negação:

JULIO - A terra foi dada a todos os seres pela natureza, mãe benéfica e imparcial, como fonte *commum* imprescindível á existencia. Tudo é de todos e os instrumentos de trabalho, as invenções representando um legado de gerações passadas e *anonymas* não podem constituir propriedade exclusiva de alguns homens apenas (FÓSCOLO, 2009, p.21)

Nesse caso, o princípio natural se apresenta com muita força: a natureza é a mãe de todos os seres humanos e é imparcial. A ideia de Deus serve para criar o oposto: a parcialidade que favorece apenas as classes favorecidas. Isso fica evidente em uma fala do Coronel sobre Laura, após a sua guinada para o anarquismo: “Que acabo de ouvir dessa misera que vi crescer e me considerou sempre como um ente superior?” (FÓSCOLO, 2009, p.33). Laura considerava Coronel um ente para além dela, o que se confronta diretamente com os ideais de igualdade diante da mãe natureza. Essa ordem das coisas não é mantida apenas pela questão da discrepância financeira, como mostra Lima com relação à desistência de Alfredo do casamento contratado com Laura: “Roeu a corda, p'ra encurtar razão; mas nós o obrigaremos, a nós é que o negocio interessa. Temos dinheiro, Deus louvado, temos gente, bota-se o bicho no tronco [...]” (FÓSCOLO, 2009, p.33). Louvar a Deus é o que permitiria e tornariam justas as agressões, as tornariam um ritual de purificação que ocasionaria o retroceder das ideias já expostas até então: nesse caso a hierarquia fica reforçada com essa explícita referência à escravidão.

Outra questão que é interessante de se explorar com relação a essa categoria é a figura de Jesus Cristo. A questão de aguentar agressões parece ser um traço que é atribuído, por parte dos fiéis dominantes apenas ao Cristo. No entanto, os anarquistas consideram que é possível para outros indivíduos sofrerem castigos físicos e também se enobrecerem, como demonstra essa frase de Laura: “Sacrificar-me é por vezes uma maneira de ser forte e de fazer o bem: para a felicidade de um maior numero, aceito” (FÓSCOLO, 2009, p.31). Assim, o sacrifício sagrado não está restrito apenas à Cristo: qualquer um que busque a igualdade entre os indivíduos poderá fazê-lo e, assim, será simetrizado à figura maior do catolicismo. Um outro ponto com relação ao Messias católico, é que Julio parece ser sua versão secularizada: ele traz um conhecimento superior para uma realidade social que é refratária e forma um grupo de pessoas que coadunam

com ele – os apóstolos e os camponeses. Além, é claro, dos primeiros nomes de ambos começarem com a letra J.

Um último trecho que trata do assunto é uma descrição por parte de Julio: “Entretanto, meu tio, Platão, que não conhece, o Christo, que julga venerar, pregaram a mesma cousa. Acha justo que uns trabalhem, produzam, com imensa pena, enquanto outros que nada fazem usufruam o fruto do alheio trabalho?” (FÓSCOLO, 2009, p.44). A utilização da figura de Platão poderia ser um artifício para “laicizar” o que Julio está narrando, mas a ideia parece ser a de traçar uma tradição intelectual revolucionária, ressignificando Jesus para o Coronel. Nesse caso, não se pode tomar as palavras de Jesus por meio de uma interpretação conservadora, e por isso, dentro do contexto que o dramaturgo propõe para a peça, é Julio quem consegue entendê-lo de fato e perceber a sua humanidade, por meio de seu ideal de igualdade.

Partindo das evidências levantadas é possível apontar que texto da peça dá suporte à negação de Deus, assim como, adicionalmente, à figura da própria transcendência de Jesus Cristo. Cabe, portanto, observarmos como se comportam as relações sociais derivadas dessa crença primária.

Primeiramente, nos deteremos no vigário e, posteriormente, nos fiéis. O vigário e Bíblia foi o único caso em que a categoria temática prévia foi modificada parcialmente pelo material empírico. Isso porque o esperado era encontrar a figura de um líder religioso (vigário ou padre) que tivesse participação efetiva no enredo, mas ele apenas é citado algumas vezes durante a peça. Por outro lado, a Bíblia tem diversas aparições, entre citações literais e referências metafóricas nos diálogos, o que compensa, parcialmente, a ausência direta do vigário em nossa análise e abre a possibilidade para observações alegóricas.

O primeiro trecho que trazemos aqui referente à categoria é novamente uma fala de Lima: “Tudo se arranja com arame. O nosso vigario é rasoavel e não resiste a certos argumentos” (FÓSCOLO, 2009, p.32). As palavras aqui (“argumentos”) escondem uma grande ironia, pois o vigário está sendo subornado para promover o casamento de Laura com Alfredo: “O nosso vigario foi bem rasoavel e prompto” (FÓSCOLO, 2009, p.33). Outra característica do vigário aparece no seguinte trecho: “Bem o percebo, seu mestre-escola, do que você tem medo é da sabença do rapaz que andou lá pelas europas e deve ter mais cousa na cachola do que o nosso vigario, que não é nenhuma besta quadrada” (FÓSCOLO, 2009, p.8). Por essa fala, podemos perceber que se trata de uma comparação entre Julio e o Vigário, o que permite o estabelecimento de um padrão: a questão evolucionista que Avelino se propõe a tecer fica

evidente na indicação da superioridade de Julio em relação àquele que conhece as escrituras a fundo e não as pratica.

Em um determinado momento da peça, pela fala do Coronel, que afirma “[...] nem sò de pão vive o homem” (FÓSCOLO, 2009, p.17), a citação religiosa é empregada como subsídio da atitude de aproveitar a vida ao invés de apenas despendê-la no trabalho. No entanto, o trecho citado ocorre na passagem em que o diabo está tentando a Jesus Cristo no deserto. Assim, o Coronel manipula o sentido do enunciado, pois se coloca como seguidor das palavras da Bíblia ao fazer-lhe uma citação literal, mas oculta o versículo respectivo.

De mesma maneira o livro é empregado por Lima, quando ele afirma ao Coronel a respeito de Julio: “A arvore que não dá fructo deve ser cortada: É da biblia” (FÒSCOLO, 2009, p.6). O trecho bíblico daria, então, subsídios para que Julio fosse erradicado.

Outro momento da peça aponta para uma parábola, a do Filho Pródigo: “Gastou um dinheirão com a vinda do filho prodigo que o deixou como um ingrato, desfalcou a herança de minha mulher e de seus netos!” (FÓSCOLO, 2009, p.7). Podemos perceber que a citação está inversa porque o filho pródigo “traí” ao pai apenas no começo da história, e se redime no fim dela, mas nessa fala Julio “traí” ao pai apenas na sua volta.

É mister, aqui, uma pequena pausa, pois é importante que se observe, pelos diálogos, que não há uma compreensão da religião por parte dos personagens. Todavia, literariamente, sabemos também que essa “falta de compreensão” pode vir a ser entendida como ingenuidade ou como manipulação do discurso, o tom será aferido quando da encenação da peça ou pela interpretação do leitor.

Retomemos a análise. Mais adiante na peça é possível encontrar outras referências ao texto bíblico:

ROBERTO - De certo, filha. E, embora nos pese, é refinada toleima não querer ver isto que a sociedade estatuio e alimentar fantasias de igualdade no cerebro do pobre. A nós compete obedecer, observar callados...

LAURA - E assim vão os pequenos, e são a maioria, deixando-se salpicar de lama, aterrorisados e ofuscados pelo idolo de ouro (FÓSCOLO, 2009, p.11)

A referência à Moisés é explícita. O povo eleito se deixou seduzir pelo ídolo de ouro e isso o obrigou a tecer a uma nova aliança com o Deus do primeiro testamento. Observar as desigualdades se desenhando e se reforçando é justamente a atitude de desviar da verdadeira finalidade humana. Laura utiliza a metáfora bíblica para apontar o desvio de maneira compreensível a seu pai.

Roberto, então, experimenta uma mudança de pensamento no sentido profundo:

ROBERTO - [...]Sinto que a razão do mundo está com eles: mas a justiça é que não.
JULIO - Estás pensativo e cabisbaixo.
ROBERTO - Por sua causa andamos de Herodes para Pilatos (FÓSCOLO, 2009, p.41)

Roberto acredita que o mundo está descrito pela lógica da dominação, porém não aprova mais moralmente essa ordem das coisas, tal como outrora. É neste momento que outros trechos da Bíblia ganham maior relevância e outra análise se processa: Herodes é o juiz que encaminhou Jesus Cristo para o veredicto jurídico de Pilatos, que teria lavado as mãos e deixado que o povo decidisse a sorte de Jesus. Nesse sentido, o que Julio teria causado seria uma revolução da mesma maneira: o julgamento das coisas passaria da decisão do mais forte (o juiz Herodes) para o povo, o que dá um novo significado para o texto bíblico, pois Pilatos deixa de ser um criminoso (ou no mínimo condescendente) para se tornar um “distribuidor” de poder político.

Um último trecho de relevância é o seguinte: “É que toquei no ponto vulnerável. Conheço os teus amores, teu papel de serpente sedutora colleando-se entre o embuste e a aparência de saber, para empolgar a vítima almejada” (FÓSCOLO, 2009, p.37). Nesse caso, é evidente a referência à serpente do Jardim do Éden. Laura seria a serpente que está tentando subverter esse paraíso originário, que é a antiga ordem.

A última qualidade de dados nessa categoria é a de expressões de cunho religioso sendo apropriados pelos personagens nos mais diversos contextos. Um desses pontos é a utilização da palavra “ascensão”:

O que vem de dizer é torpe, é infame e somente um cérebro imbuido de erros, que tem tornado a humanidade infeliz, poderia conceber um plano ambicioso em criaturas que não se vendem, almejando apenas o direito á vida para os esbulhados por vós. Mas as suas palavras não me farão recuar na ascensão libertaria, porque me sinto forte para desprezal-as como despreso esse ouro esbulhado ao misero proletário. (Sahe) (FÓSCOLO, 2009, p.37)

O cérebro antigo, repleto de erros “epistemológicos”, se mostrou facilmente reproduzível por não encontrar nenhum tipo de oposição discursiva – apesar de produzir a infelicidade, que no caso é a desigualdade. Não é de graça a utilização da palavra “ascensão”, pois que ela é mobilizada na gramática católica como maneira de explicar o modo como Jesus retornou ao Céu após a sua ressuscitação. Nesse caso, a ressignificação está patente: o processo

só é possível no mundo natural. Vimos a derivação da crença em Deus repercutindo nas relações sociais e poderemos, então, investigar a seguir a religião em si.

Certamente, religião não pode ser associada diretamente com teísmo, posto que há religiões que não possuem divindades. No entanto, da mesma maneira que é possível cruzar os dados da história do anarquismo com a biografia de Avelino, é possível cruzar a história da religião no Brasil com o contexto do enredo: por volta de 1921, data de lançamento da peça, o Brasil já era um país laico, porém a hegemonia católica em território nacional era bem pronunciada, e só foi ameaçada posteriormente com a expansão pentecostal na década de 1960 (Cf. MARIANO, 2003). Nesse caso, religião seria sinônimo de catolicismo, assim como Igreja seria equivalente à igreja de tipo católica. Dessa maneira, a religião é apresentada estritamente como a católica ao longo da obra.

Foram alocados neste espaço expressões de tipo religioso, que mostram a crença como sendo um *frame* analítico para o seu respectivo fiel ou como esses valores se tornaram correntes e culturais. O primeiro caso é o do pai de Laura:

ROBERTO - Queira Deus que não desepere o Coronel, levando-o a commeter violencias.

JULIO - Meu pai, bem que autoritario, é intelligente, e bom e comprehenderia o meu sonho de equidade; si não aplaudisse todas as reformas, fecharia os olhos vendo que eu não me havia illudido; mas como sombra implacavel tem aquela alma execcranda de meu tio, com um conservatismo ferrenho, anathematisando o progresso, querendo obrigar a humanidade a permanecer estacionaria, como se na natureza tudo não evoluisse para a perfeição. [...]

JULIO - Porque visam do matrimonio a concentracao das fortunas e dos privilegios, sem curarem da perfeição da especie [...] A mola real da sociedade moderna é o dinheiro, como si elle fosse capaz de constituir felicidade. É o castello que meu pai fantasiou para mim com uma alliança rica, mas que desprezo por um ideal mais elevado. (FÓSCOLO, 2009, p.43)

Aqui, “alma” aparece nos dois sentidos. Para Roberto, Deus aparece como disparador da ação. Já para Julio, o conceito de alma equivale à psicologia do indivíduo, num sentido aquiniano de alma intelectual, e a mentalidade do seu pai impede o progresso, pois foca-se na questão financeira: nisso o matrimônio, ao invés de autêntico, se torna uma união que serve para manter a real mola da sociedade moderna.

Isso porque algo mudou, segundo o próprio Coronel: “Meu filho! (pausa). Ah! como estás mudado! tens algo de novo e desconhecido no semblante... uma virilidade distanciando-te bem do jovem que dáqui partio há alguns annos” (FÓSCOLO, 2009, p.6). Após a sua

descoberta do anarquismo em solo europeu, Julio superou uma espécie de “infância” da religião. E alguns indivíduos seguem nessa infância mental, segundo Julio, como os parasitas:

JULIO - Um parasita que se enriqueceu especulando com a miséria e a tolice dos pobres.

CORONEL - Hoje, porém, é um capitalista e tem a sua fortuna triplicada.

JULIO - Um explorador de pior espécie ainda, porque vive das desgraças alheias. [...]

JULIO - A autoridade paterna tem como único alicerce o amor, a violência lhe derrota a base jogando-a por terra.

CORONEL - Retira-te da minha presença! Saberei defender um nome que queres envolver numa aventura ridícula e insensata.

JULIO - Cada qual age segundo a sua consciência: tracei um roteiro na vida e hei de segui-lo ainda que seja o único: ser livre em terras de escravos. (Sahe) (FÓSCOLO, 2009, p.26)

Para Julio, a autoridade deveria se manter pelo amor, e não pela imposição, que foi a tentativa do Coronel no diálogo. Neste ponto, a peça pretende criar a atmosfera de que a ignorância do povo é o que permite que haja a imposição, e a viagem de Julio para a Europa possibilita pensar que é a religião local que aceita que essa dominação se esconda com tanta eficiência e se perpetue por inércia. É o caso de um diálogo de Laura com seu noivo arranjado, Alfredo:

ALFREDO - O homem extraordinário que sacrificou fortuna, bem estar, tudo por um princípio de solidariedade humana! E... é correspondente nesse affecto?

LAURA - Sou; sei, sinto-o. Poderão tirar-me tudo, menos essa certeza - é o meu galardão na estrada do sacrificio.

ALFREDO - Pois bem, amo-a immensamente, deve saber-o, deve ter lido no meu semblante; mas acima da paixão está o sentimento de justiça, está a nobreza d'alma. Para conquistar a maior somma de felicidade possível, é mister ser-se forte, isto é: ter energia para combater o mal, e semear o bem. Laura, está livre de qualquer compromisso para comigo [...]

LAURA - Não vê que estou predestinada á fogueira ateadada pela ganancia e um orgulho idiota?

ALFREDO - Soffrerei por isto, mas lisonjear-me-á a lembrança de não haver concorrido para o seu martyrio. É preciso encorajar a alma! os primeiros semeadores encontram o campo agro, cheio de cardos e ai delles se lhes fenece a coragem: tombam arrastando outros na queda. [...]

LAURA - Tem razão! Quando um apostolo, como Julio, se despe das regalias que o mundo lhe dá para trabalhar em prol do bem estar social, devemos segui-lo mesmo antevedendo o martyrio (FÓSCOLO, 2009, p.34)

Fica evidente a utilização de alguns vocabulários do léxico católico: fogueira, inquisição, martírio, alma para criar a significação para as falas. Está se reproduzindo certa interpretação sobre a perseguição da instituição Igreja à “verdade” que se apresenta com inegável lógica, iludida pela hierarquia, um “orgulho idiota”. Assim, a religião é redirecionada:

o seu conteúdo também precisa ser revolucionado, não apenas a sociedade. Isso fica evidente em outra fala:

JULIO - [...] reconheci a necessidade, em vez da repressão brutal, que cria martyres e faz fanaticos, de uma discussão desapassionada, de uma educação preliminar e pratica, preparando os espiritos para a realidade que virá após a miragem de hoje. Para tal fim procurei destruir as barreiras de classe, de fortuna, indo ao encontro do proletario, auxiliando-o no direito de conquista á existencia e ao goso (FÓSCOLO, 2009, p.41)

A religião, portanto, lida com a repressão brutal e, por isso, cria mártires e fanáticos, o que prova a estratificação proposta pela narrativa religiosa. Neste ponto, é o saber simétrico que permite que essa “miragem” se desfaça. Ou seja, a religião como se configura na peça é uma maneira curta e direta de manter a dominação, pois não permite a existência do indivíduo, apenas do domínio:

JULIO - Basta a ideia da justiça; façamos aos outros o que desejamos que nos façam; executar somente trabalhos que se prendem á perfectibilidade das especies; nivelar todos os homens na harmonia pela existencia, eliminando os monstros dos bordeis e das tavernas, todas as parasytas, emfim, vivendo á custa do productur. É isto o que chamam a má semente, que eu tento implantar: a igualdade no direito, a nobilitação do trabalho, a morte do lenocinio, do roubo, da guerra, do parasytismo afinal (FÓSCOLO, 2009, p.42).

Pode-se observar um apelo ao universalismo: a noção de justiça consegue regular as relações como um todo, especialmente se elas forem simétricas. Assim, o parasita acaba morrendo por inanição, pois não toma mais parte da produção. Considerando o argumento que emerge da peça de modo mais amplo, essa solução aponta também às instituições políticas num geral, pois não haveria a necessidade de normas formais diante desse princípio moral superior.

No entanto, essas instituições reagem, como no caso do militante Alfredo:

LIMA - Cá está o méco! Corda no bicho e tronco com elle rapaziada. Levem-o amarrado como um porco, p'ra respeitar as cousas sagradas.

JULIO - Não sei a quem se refere, meu tio, nem o que entende por cousas sagradas. Aqui estão os homens, mais humanos do que o senhor, respeitando a liberdade dos outros, para que respeitem a deles (FÓSCOLO, 2009, p.43)

A expressão “cousas sagradas” obtém destaque no enunciado. Dentro do contexto da peça, amarrar o humano como um porco seria reduzi-lo a um animal e, assim, punir sua transgressão. No entanto, o sistema não se utiliza de suas próprias palavras, uma vez que apela a princípios que fogem da humanidade, que a transcendem por serem “sagradas”. Assim, a

religião é como se fosse o porta-voz da dominação, a sua gramática, como diria Boltanski. Aplicando o princípio antes declarado, que poderia mesmo ser chamado de um imperativo categórico kantiano, o humano estaria em busca da igualdade e, perante os olhos de Julio, o parasita está querendo ser superior.

Um último ponto de relevância concentra-se nas outras religiões que não a católica. A marca mais específica aparece quando Julio explica a *raison d'être* do próprio título do livro:

[...] nestes campos a semear, com uma abnegação sublime, o gérmen do Saber, esses primeiros rudimentos que são a estrada conduzindo à conquista de um paraíso sonhado. E não é o óbolo azinhavrado com que te retribuem os mais favorecidos da sorte o teu sustentáculo nessa missão excelsa, mas sim a ânsia de desvendar um futuro de paz (FÓSCOLO, 2009, p.13)

Segundo esse entendimento, o paraíso sonhado não se alcançaria pela dedicação religiosa, mas sim pela organização comunista das relações sociais. A utilização da expressão “óbolo”, que remete ao barqueiro Caronte, expressa que a aprovação social dos pobres não é o suficiente, não se tratando, portanto, de “populismo”. E a comunidade alternativa se mostra uma solução estrutural.

Vimos, portanto, que, no argumento tecido pela peça, o pensamento religioso é posto em exame pelo pensamento libertário. No entanto, não compreender todo esse arcabouço de saberes configura dois tipos de fiéis: o fiel oprimido e o fiel opressor. Tratemos, portanto, de observar esses comportamentos.

Se já abordamos Deus, o líder religioso e a religião, podemos agora terminar o circuito argumentativo com uma caracterização do fiel, que basicamente são os indivíduos com a mentalidade antiga. Destes há os parasitas (Coronel e Lima) e os oprimidos (Roberto). É possível verificar a construção desse fiel por meio da análise dos trechos abaixo, na sua introjeção da superioridade.

O primeiro crente é o oprimido, que não reconhece que está sendo manipulado. O caso mais explicitado é o de Roberto:

ROBERTO - Seu Coronel, os trabalhadores resolveram trazer o doutor numa cadeirinha carregada por todos.

LIMA - Ideia supimpa, não ha duvida, e que me traz uma lembrança dos saudosos tempos da escravidão... prova de humildade demonstrando os bons instinctos do povo dos campos.

ROBERTO - Desejamos, também, que o mestre-escola lhe dirija uma saudação em nosso nome.

CORONEL - Aprovo tudo do imo d'alma, pois sei ser essa demonstração filha da sinceridade de vossos corações (FÓSCOLO, 2009, p.8)

Há, portanto, toda uma idolatria ao dono da terra. Julio, por seu turno, não aceita ser conduzido na cadeira por seus empregados. O Coronel aprova o ato desejado pelos oprimidos, pois enxerga essa hierarquia como adequada para as relações sociais, o que fica bem evidente em sua fala: “Mas que vento de loucura passou aqui e transtornou todas as cabeças ao ponto de se renegar hoje o que se almejava ontem? Elle não renunciaria a um anelo íntimo se não surdisse um poderoso obstaculo” (FÓSCOLO, 2009, p.37). Esse “vento” tornou as mentalidades dos antigos fiéis completamente mudadas, o que se espelha diretamente no desacordo com a antiga sociedade.

Em relação aos fiéis que são dominadores, podemos observar, junto a outras anteriormente citadas, algumas falas como a de Lima: “[...]a ociosidade è mãe de todos os vícios e bom será que vocês, enquanto esperam, vão se divertindo por ahi a descascar milho, a limpar a ceva [...] porque hoje não é dia santo e vocês já pegaram o grude do compadre: quem deve paga (FÓSCOLO, 2009, p.6). É claro que podemos observar uma série de outras manifestações dessa religiosidade ao decorrer do texto, porém esse trecho parece concentrar o argumento central a que Fóscolo pretende retratar, isto é, o dominador deseja que o dominado trabalhe para ele ininterruptamente e considera que sua riqueza é apenas sua – no caso, simbolizado nos mantimentos do Coronel, que oferecia a festa.

CONSOLIDADO DOS DADOS: ATEÍSMO ANARQUISTA COMO APOSTA

A análise do texto, com base nos estudos da Sociologia da Moral e na observação de elementos componentes do enunciado dos personagens, permite que se compreenda que a peça se apropria do ateísmo anárquico e de seus postulados para arquitetar sua mensagem e a movimentação de seus personagens. Ressaltamos que essa aproximação não se destina a esgotar o assunto, mas a se apresentar como um primeiro passo no sentido de abordar os diferentes tipos de religiosidades anarquistas. Em termos de investigação, seria possível a comparação de outras obras do autor, romances e peças teatrais, de modo a verificar como o ateísmo anárquico nelas se manifesta. Neste texto, porém, por ter se tratado de um primeiro esforço, o foco foi em *O semeador*. Nas próximas linhas iremos delinear a representação social com base nos dados levantados.

Como núcleo central desta representação, temos que esse ateísmo é o que denominamos como ateísmo de aposta, invertendo o argumento de Pascoal⁶. Ele aponta para todas as limitações do pensamento teísta em termos da criação da desigualdade e ensina que essas afirmações serão comprovadas com o regime anárquico – na peça, Julio está demonstrando que todas as crenças anteriores eram ideologias diante da felicidade que o seu sistema de regeneração social pode causar. Ainda, há também elementos periféricos, que já foram cotejados com os estudos de Lopes (Cf. 2013) sobre o ateísmo positivista e Lopes e Martinez (Cf. 2019) sobre o ateísmo marxista e que serão brevemente retomados abaixo.

Primeiro, cabe lembrar a concepção de Deus. Para o anarquista Ele é um engano que deve ser ignorado em prol da revolução, pois a revolução é o pré-requisito para se superar o engano – e não há outro caminho possível que não esse único. Na peça, Deus aparece ou como força de expressão corriqueira, ou como sentimento verdadeiro de pessoas ultrapassadas. Para o positivista, a divindade católica é um engano que pode ser reaproveitado para a Religião da Humanidade. Para o ateu marxista, é um engano que pode ser vilipendiado aos poucos, o que resultará na quebra paulatina da ideologia.

Segundo, temos o combate ao teísmo com o contra-argumento. O ateu anarquista não precisa derrubar a religião apenas por ela mesmo. Nesse caso, a superestrutura e a estrutura estão completamente ligadas, logo atacar em conjunto é o suficiente *também* à religião. A religião se impõe por ser um discurso único, e nisso reside a sua força de criar as desigualdades. Em um contexto assim estabelecido, quando o discurso anarquista é apresentado, ele tenta a se demonstrar como persuasivo, levando seus interlocutores a automaticamente perceber a desigualdade e a religião pede seu espaço. O discurso anarquista mostra, portanto, a falta de lógica do sistema como um todo a partir de uma maiêutica socrática⁷ em prol do anarquismo, tópico já abordado por Lauris Junior (Cf. 2009). As perguntas lançadas partem da falta de lógica no sofrimento do trabalhador. Personagens que não passaram pela maiêutica demonstram a crença em Deus sendo autêntica; já os personagens que passaram pela maiêutica utilizam Deus como metáfora. No entanto, a maiêutica não é o fim do processo, mas o começo, porque ainda há uma comprovação material para a revolução.

Terceiro, retomemos a questão da intensidade. O ateísmo anarquista primeiramente demonstra maieuticamente a fraqueza da religião; em seguida tira-lhe a base material, e daí se completa a demonstração da sua fraqueza. O trabalhador precisa arriscar-se a entrar num novo sistema, ter certa fé no sentido de que o sistema atual é a prova de que o sistema anarquista é

⁶ O Argumento da Aposta, de Blaise Pascoal, se caracteriza por convencer alguém a acreditar em Deus porque a sua descrença pode levá-lo ao inferno se Deus de fato existir.

⁷ A maiêutica funciona pela conversa ser guiada por perguntas: Sócrates indagava o interlocutor e o convencia da inconsistência de suas ideias por meio de seus questionamentos.

melhor, o que caracteriza a aposta e exige um trabalho intensivo do anarquista. Em comparação, o ateísmo marxista busca provar que o pensamento metafísico é uma ilusão em maneira extensiva, procura demonstrar que a religião está errada desde a base para depois iniciar a revolução.

Quarto, é necessário que se observe o foco na crença em si, partindo da definição durkheimiana de religião como conjunto de crenças e práticas (Cf. DURKHEIM, 2003) permite-se formular outra reflexão. Assim, o ateísmo anarquista concebe a religião apenas como crença, desconsiderando a prática. Uma vez a crença deísta sendo descartada na maiêutica, a prática perderia sentido automaticamente. Dessa maneira, os benefícios da vida libertária estariam suplantando a alienação, o que resultaria numa negação da metafísica. Em comparação, o ateísmo positivista é mais inercial, ele sabe que a religião se mostrará falsa em algum momento histórico. Em comum está a crença na ciência, mas o ateu anarquista deseja que a ciência substitua tudo de uma vez. Já o marxista é tão paciente quanto o positivista, mesmo que o resultado seja bem diferente, a Revolução.

Quinto, emerge a questão da definição de religião. A religião é formulada como compósita com as relações de produção: ela faz parte da dominação junto com o Estado e o Capital – então ela é mitologia por remeter à dominação, é seu vocabulário. Quanto ao modo de invalidação da religião, o ateísmo anarquista precisa ser mais agressivo para causar a ruptura, que precisa ser a curto prazo para que a Revolução comprove os seus argumentos; já o ateísmo marxista, por ser mais estadista, pode se dar ao luxo de desconstruir a religião com mais calma, mostrando por meio da arte sua condição de delírio.

Sexto, insurge a figura do líder religioso. O padre ou o vigário cumpre uma função importante nas histórias na condição de líderes religiosos. Cumpre notar que o vigário, em *O semeador* não atua na história, apenas é citado. Na peça marxista o padre cumpre papel relevante, enquanto no positivismo a figura do padre é ultrapassada, porém não necessariamente corrupta. A figura do padre, portanto, é essencial na medida em que ele é a corporificação da fé. É ele quem acumula mais conhecimento das escrituras religiosas. Nesse sentido, ele é imperdoável para o revolucionário e pode mostrar a verdadeira essência da religião: ou ele é conivente (Padre Hipólito) ou ele aceita subornos (o vigário). Figurativamente, o padre é o sinônimo da própria Bíblia e, assim sendo, se este personagem é corruptível, aos outros fiéis não resta muita esperança de purificação.

Por último, destaca-se a noção de tempo. Não há ateísmo anarquista sem revolução e não há revolução sem uma relação com o tempo. Através do material estudado, conclui-se que a revolução anarquista deve ser realizada no presente, e por isso é tão buscada com um ímpeto iconoclasta intensivo; já o marxista vislumbra a revolução no futuro, e por isso pode focar uma

mídia inteira (a obra literária) em demonstrar a falibilidade da religião em si. Já o positivismo também enxerga a transformação no futuro, porque a constata a evolução já no passado e a sua função é ser uma catálise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tratou de uma representação social de um ateísmo anarquista estudado por meio da peça *O semeador*, do escritor naturalista Avelino Fóscolo. Sabe-se que o anarquismo adotou uma estratégia de divulgação basicamente pedagógica e a peça cumpre com essa função ao mostrar, pelo literário, o cotidiano do seu público alvo em ambiente rural. Essa peça é relevante para o problema na medida em que, como apontado em nossa análise, se desenvolve em uma argumentação bastante específica. Quanto ao autor, apesar de não se declarar publicamente ateu, possui muitas evidências de seu pertencimento particular, o que o torna singular a demais análises futuras tanto no campo social quanto no campo literário.

A conclusão mais geral do estudo é que o enredo trata de um ateísmo de aposta: a crença em Deus e ideias acessórias servem para manter a desigualdade e pode ser combatida se houver a aposta. O indivíduo se engaja na vida libertária antes de desacreditar a religião e ocorre a supressão da base material. A partir disso, essa crença perde completamente o sentido enquanto crenças e práticas. Essas crenças seriam destruídas pela lógica dos fatos e o fiel conseguiria escapar da ilusão apenas pela educação libertária. Ou seja, a religião como um todo, precisaria da revolução para ser destruída por completo, é o seu pré-requisito. Por isso, ela aparece na forma de metáfora nas falas dos personagens anarquistas e é autenticamente vivida por quem pertence à antiga ordem – pois ela reforça a desigualdade entre os homens.

Encerramos o texto com duas pequenas reflexões. Cumpre ressaltar que a discussão aqui proposta, partindo da análise da religiosidade na peça teatral, permitiu alinhar, a final, teorias como o anarquismo, o marxismo e o positivismo, ideias cujos representantes são muitas vezes avessos entre si. A observação desses extratos por meio da literatura atinge dois grandes pontos de relevância para discussões futuras. Em primeiro lugar, resgata um elemento da história literária brasileira que se encontra periférico ao cânone e amplia a percepção histórico-social de sua época, pois a investigação do que consideram senso comum dá uma pista de como conduzem o seu ativismo.

Outra reflexão interessante é que a análise aqui exposta serve para a observação do movimento anarquista atual. Isso porque, durante a peça, os lavradores aparecem como simples

coadjuvantes, no máximo com a função de um coro de tragédia grega. No mais do enredo, temos apenas Julio dialogando com as forças antagônicas da Revolução, buscando demovê-las de suas posições políticas prévias. Isso nos faz pensar, do ponto de vista extratextual, isto é social e histórico: Num cenário real, seria possível que todos os camponeses participantes do projeto agissem da mesma maneira? Seria possível que, mesmo com uma maiêutica individualizada, todos os indivíduos nutrissem o mesmo pensamento? Que dinâmicas interiores poderíamos encontrar nesse grupo, se houvesse uma etnografia? Que tensões com hábitos antigos subitamente surgiriam em prol de um projeto de regeneração social?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Gustavo Ramus de; **Anarquismos, cristianismo e literatura social no Brasil (1890-1938)**. 2011. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

DA SILVA, Ricardo Oliveira. **O ateísmo no Brasil: Os sentidos da descrença nos séculos XX e XXI**. Judiaí: Paco e Littera, 2020.

_____. Será que chegou a hora e a vez do ateísmo na historiografia brasileira? **Revista eletrônica história em reflexão**, v. 12, n. 24, p. 280-308, 2018.

DUARTE, Regina Horta. **A imagem rebelde trajetória libertaria da Avelino Fóscolo**. Campinas: Unicamp, 1991.

_____. Imagens libertárias da escravidão o romance de Avelino Fóscolo. **Rev. Dept de História**, n.6, 1988, p. 129-136.

DUARTE, Constância Lima. **Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros**. São Paulo: Autêntica, 2018.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELTZBACHER, Paul. **The Great Anarchists: ideas and teachings of seven major thinkers**. Nova York: Dover, 2004.

FÓSCOLO, Avelino. O sementeiro. In: VARGAS, Maria Thereza (org.). **Antologia do teatro anarquista**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LAURIS JUNIOR, Renato Luiz. **José Oiticica: reflexões e vivências de um anarquista.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Programa de Pós-Graduação em História.2009.

LOPES, Ricardo Cortez; MARTINEZ, L. Yana L. Um estudo sobre três premissas do argumento ateu na peça O berço do herói, de Dias Gomes. **Philia**, v. 1, n. 2, p. 505-525, 2019.

LOPES, Ricardo Cortez. **Construindo Contextos: Uma contribuição sociológica para compreender a relação indivíduo e sociedade.** Curitiba: Viseu, 2019.

_____. O conceito de prova segundo a Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA). **Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS**, Porto Alegre, v. 23, n.1, p. 1-12, 2014. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/XIII/23.pdf>

_____. O ateísmo como movimento social nos materiais de divulgação do templo positivista de porto alegre: uma análise de representações sociais. In: VIANNA, Marcelo (Org.). **O historiador e as novas tecnologias.** Porto Alegre: EdiPUCrs, 2015.

_____. **Reprodução sob condições controladas:** o ateísmo como movimento social nas representações sociais dos materiais de divulgação do Templo Positivista de Porto Alegre. Trabalho de conclusão(graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

LUIZETTO, Flávio Venâncio. **As utopias anarquistas.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARIANO, Ricardo. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 3, n. 1, p. 111-125, 2003.

MARTINS, Pablo dos Santos. O anticlericalismo anarquista durante a primeira república Brasileira (1899-1920). **Revista Cantareira**, n. 28, JAN-JUL, 2018, p.150-168.

MOSCOVICI, Serge. **La Psychanalyse, son image, son public.** Paris: PUF, 1961.

OLIVEIRA, Fabiana Lazzari de; SILVA, Rosimeiri da; COLLAÇO, Vera. Expressões da mulher na dramaturgia do teatro operário anarquistas. **Urdimento**, v. 2, n. 21, p. 020-030, 2013.

PASSETTI, Edson. Heterotopias anarquistas. **Verve**, n. 2, p.141-173, 2002.

PEREIRA, Priscila de Andrade. A tática do teatro libertário anarquista no contexto brasileiro. **Pesquisa & educação a distância**, n. 13, 2018.

SÁ, Celso Pereira. **Núcleo Central das Representações Sociais.** Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Doris Accioly e. Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 114, p. 87-102, jan.-mar. 2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O naturalismo no Brasil.** Rio de Janeiro: civilização brasileira s.a, 1965. WALTER, Nicolas. **Do anarquismo.** Cidade da Praia: Sotavento, 1981.

WILKINS, Ernest H. Samuel Carter Hall on Foscolo. **Romanic Review**, v. 41, n. 3, p. 187, 1950.